

VISÃO DO CORREIO

Um respiro incerto no Golfo

O frágil cessar-fogo entre os Estados Unidos e o Irã oferece ao mundo um respiro momentâneo em meio à asfixia geopolítica dos últimos meses. A simples perspectiva de reabertura do Estreito de Ormuz, artéria por onde escoia a maior parte do petróleo global, já foi suficiente para trazer um alívio imediato aos mercados. O momento, porém, exige frieza diplomática para conter qualquer otimismo precipitado. Afinal, o que se desenha no horizonte não é a pacificação da região, mas apenas uma pausa provisória em um conflito que continua a emitir sinais de alerta máximo.

Basta olhar para o cenário adjacente. Enquanto Washington e Teerã negociam um recuo tático no Golfo Pérsico, o Líbano continua sob fogo. Os ataques de Israel em território libanês evidenciam o perigoso transbordamento da guerra, que espalha a instabilidade para além das fronteiras iniciais do conflito. A tensão regional segue altíssima, e a fumaça nos céus de Beirute prova que um acordo isolado sobre rotas marítimas é incapaz de desarmar a bomba-relógio do Oriente Médio, enquanto os aliados de ambas as partes continuam alimentando a engrenagem do conflito.

Nesse contexto, é crucial resgatar a memória recente: antes da desastrosa escalada militar em andamento, o Estreito de Ormuz operava normalmente. O bloqueio da via não foi uma fatalidade incontornável, mas o subproduto direto de uma guerra desnecessária que transformou o comércio global em refém.

O custo do confronto está sendo cobrado nas bombas de combustível e nas prateleiras dos supermercados ao redor do

globo. A interrupção prolongada no fluxo de energia não atinge apenas os painéis das bolsas de valores, mas encarece o frete, trava a cadeia produtiva e penaliza, de forma desproporcional, os países em desenvolvimento e as populações mais vulneráveis. Aceitar a normalização desse tipo de chantagem — seja por bloqueios marítimos ou por bombardeios preventivos — é permitir que disputas de poder no Golfo Pérsico ditem o empobrecimento de cidadãos a milhares de quilômetros de distância.

A eventual reabertura do canal, portanto, não deve ser celebrada como uma concessão benevolente de Teerã ou como um triunfo estratégico da Casa Branca. Trata-se, unicamente, do fim temporário de um absurdo que vem punindo países que nada têm a ver com o conflito.

A comunidade internacional não pode, portanto, dar-se ao luxo de atuar apenas como espectadora aliviada desse frágil armistício. É hora de a ONU, a Rússia e a China, além de blocos econômicos, como o Mercosul, abandonarem a letargia e usarem essa breve janela de oportunidade diplomática para exercer uma pressão sobre todos os atores envolvidos.

O objetivo não pode ser apenas estender uma trégua frágil para que os navios voltem a passar, mas forçar um fim definitivo das hostilidades e a garantia de longo prazo para a segurança de Ormuz. É imperativo transformar o alívio temporário em um acordo permanente. Do contrário, se o mundo apenas cruzar os braços à espera do bom senso de líderes belicosos, esse cessar-fogo entrará para a história apenas como o breve e ilusório silêncio que antecedeu uma tragédia ainda maior.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Guerra 1

O massacre no Líbano é o retrato brutal de vidas interrompidas enquanto os líderes disputam narrativas. Entre escombros e sirenes, não há nada que justifique o sofrimento de famílias que só queriam viver o dia em paz. Nenhuma estratégia militar vale mais do que uma vida. Apático, o mundo assiste do sofá da sala!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Guerra 2

Como alcançar a plenitude da paz se o mesquinho e o arrogante não saem de quem pode, e deveria, buscá-la? E o que dizer de quem instiga não apenas a continuidade do conflito, mas também a expansão da guerra para outros países periféricos? Não há vencedores em uma guerra. A falsa impressão de vitória turva a possibilidade de se construir uma paz longa e duradoura. Uma paz sem voz não é paz, é medo.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Guerra 3

O papa Leão 14 convoca uma oração mundial pela paz para 11 de abril: “Não podemos permanecer indiferentes à violência. Quem tem armas nas mãos, que as deponha! A quem tem o poder de desencadear guerras, que opte pela paz!”. Paz entre as nações. Estaremos unidos em oração, juntos e unidos pela paz! Diga não às armas sempre! Isso é coerência! O mundo precisa de paz que dure para sempre.

» **José Ribamar Pinheiro Filho**
Asa Norte

As bets e o crack

Se eu disser, por mera hipótese, que sou contra a proibição do crack, pois é preciso dar às pessoas o direito de escolha, isso parecerá absurdo, certo? Pois é. Espantam argumentos contrários à proibição das bets fundados nesse suposto livre-arbítrio, que só é livre mesmo quando toda a sociedade tem meios de buscar, filtrar e

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

No Brasil, o vazamento ilegal de dados, à guisa de Lava Jato II, vem desde os tempos da famosa Pasta Rosa (durante o governo FHC). Isso não pode ser tolerado e precisa acabar!

Marcos Paulino — Vicente Pires

STF e Brasileiro: está na hora da implementação do impedimento semiautomático.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

“Se Bolsonaro tivesse governado bem, Lula não teria sido eleito!” Alvíssaras: Ronaldo Caiado descobriu a pólvora!

Paulo Molina Prates — Asa Norte

Caiado promete o fim da polarização.

Com o tempo vamos saber se a defesa a genuína, o que tenho certeza desde já é que o país precisa de uma renovação na política!

Paulo F. Santos — Asa Sul

Investigação interna avança no BRB. A pergunta que não quer calar é: as descobertas vão se tornar públicas?

Maurício Barros — Cruzeiro

Quem pode parar Caio Bonfim no Mundial de Marcha na Esplanada? A linha de chegada!

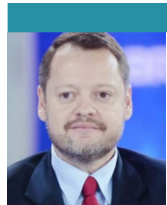
Madalena Viégas — Brasília

Como Neio Lúcio fez parte da vida de quem cresceu em Brasília! Só agradecer pelo que ele fez! Que siga seus novos caminhos em paz!

Marita Féres Cardillo — Brasília

tema é muito polêmico, e a maioria não está preparada para entender argumentos dos especialistas!

» **Warllen Narducci**
Anápolis (GO)



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

O reforço e o silêncio

Vira e mexe, abordo neste espaço a sensação de insegurança existente na Asa Norte. É um tema que acompanho de perto. Faz parte do meu dia a dia. Infelizmente, a percepção que se consolida entre moradores é de um quadro que se deteriora mês a mês. Não se trata apenas de sensação difusa, mas de evidências concretas. Há pontos conhecidos de consumo de drogas, aumento da população em situação de rua em quadras específicas, como 402, 403, 314, 315 e 316, entre outras, que passaram a figurar no mapa cotidiano da preocupação. À noite, a W3 praticamente se esvazia e expõe fragilidades.

Ao mesmo tempo, há uma reação recente do poder público. Com a saída de Ibaneis Rocha e a ascensão de Celina Leão ao comando do Burity, a segurança ganhou protagonismo. Já foram duas solenidades oficiais voltadas ao tema. Apresentada nesta semana, a Operação Brasília Mais Segura, com mais de 1,2 mil policiais, sinaliza uma estratégia baseada na presença ostensiva, no policiamento a pé e na ocupação de áreas sensíveis. Uma espécie de Cosme&Damião dos dias atuais. Nos últimos dias, esse reforço tornou-se visível e necessário. A própria governadora reconhece o problema ao destacar o avanço do tráfico e a necessidade de retomada do controle territorial.

Mas segurança pública não se faz apenas com farda e veículos. Ela também se constrói na rotina urbana, na iluminação adequada, na manutenção dos espaços e, sobretudo, na integração entre Estado e comunidade. E é justamente nesse ponto que emerge uma contradição difícil de ignorar. Ao mesmo tempo em que se amplia o policiamento, silencia-se uma das ferramentas mais eficazes de prevenção, a Rede de Vizinhos Protegidos. Há 10 dias, moradores da Asa Norte foram, na

prática, excluídos do fluxo de comunicação. Os grupos do WhatsApp continuam ativos, mas apenas administradores, todos militares, podem enviar mensagens. A justificativa oficial fala em avaliação de efetividade. O problema é o vácuo criado.

ARVP não é apenas um grupo de WhatsApp. É um instrumento de inteligência comunitária. Em uma sociedade marcada pela velocidade da informação, canais como esses cumprem papel decisivo. Alertam, previnem e conectam. Nem toda ocorrência vira boletim de ocorrência ou manchete de jornal. Muitas vezes, é o aviso do vizinho que evita um problema maior. Informação, nesse contexto, também é política de segurança.

Paralelamente, persistem falhas estruturais. A iluminação pública segue irregular em diversas quadras, apesar das reclamações recorrentes. Passagens subterrâneas sob o Eixão tornaram-se pontos de risco. E há um componente quase simbólico na repetição do problema. Cabos furtados, reparos feitos e, dias depois, o retorno à escuridão. É um ciclo que expõe a dificuldade do Estado em manter soluções duradouras.

O tema, inevitavelmente, transborda para o campo político. Segurança pública sempre teve peso eleitoral, mas ganha ainda mais relevância quando afeta diretamente o cotidiano de regiões tradicionalmente consideradas seguras. A Asa Norte, nesse sentido, funciona como termômetro. O eleitor não reage apenas a estatísticas, mas à experiência concreta, ao trajeto noturno, à quadra mal iluminada, ao grupo de mensagens que deixou de funcionar. Segurança não pode ser tratada como ação isolada ou resposta emergencial. Ela exige continuidade, coordenação e, sobretudo, confiança, que se constrói com diálogo, transparência e participação.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br